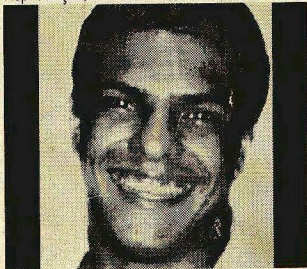


Marcelo Mendonça da Silva

✓ Desapareceu em 17 de fevereiro de 2005, em Aparecida de Goiânia, após ser abordado por uma equipe do serviço reservado da PM.

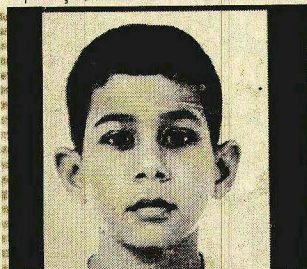
Reprodução/Cadu Gomes/CB/D.A Press



Rodrigo Dias Barco

✓ Executado por PMs em março de 2005. Foi morto, de joelhos, com três tiros no pescoço e três no peito.

Reprodução/Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Murilo Soares Rodrigues (foto) e Paulo Sérgio Pereira Rodrigues

✓ Desapareceram em 22 de abril de 2005, em Aparecida de Goiânia, após abordagem da Rotam.

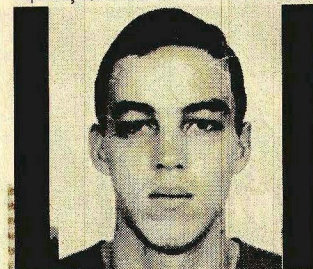
Hélio Barbosa da Silva

✓ Sumido desde 3 de junho de 2005, após abordagem do serviço reservado da PM, em Luziânia.

Rones Dias

✓ Desapareceu em 7 de dezembro de 2005, em Goiânia, após prestar depoimento sobre o assassinato de duas pessoas em que os suspeitos eram policiais militares.

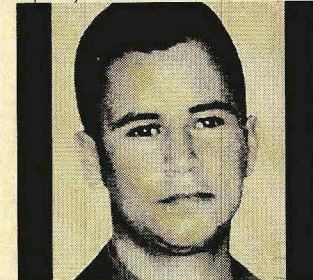
Reprodução/Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Fábio da Costa Lima

✓ Desapareceu em 4 de janeiro de 2006, em Goiânia, após ser colocado à força em um carro da Rotam.

Reprodução/Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Luiz Antonio Ferreira de Azara

✓ Executado em casa, em Goiânia, por policiais militares, em 27 de janeiro de 2006.

Cristiomar Pereira dos Santos

✓ Sumiu em 23 de janeiro de 2007, em Senador Canedo, após ser abordado pela Rotam.

Roniell Ubiratan Martins

✓ Desapareceu em 23 de janeiro de 2007, em Senador Canedo, após abordagem da Rotam.

Gustavo Silveira do Nascimento

✓ Sumiu em 6 de junho de 2007, em Goiânia, após abordagem de uma equipe do serviço reservado da PM.

Vingança sangrenta

» RENATO ALVES

Filho exemplar, sempre presente na missa de domingo, Wagner da Silva Moreira, 21 anos, não tinha inimigos, vícios, muito menos problemas com a polícia. O patrão gostava tanto dele que o buscava de carro, em casa, toda manhã. Afinal, o rapaz montava tubos de PVC com uma precisão e velocidade raras. Deixava o trabalho de lado somente aos domingos para encontrar os parentes no acampamento Sonho Real, no Parque Oeste Industrial. A área da periferia de Goiânia é ocupada por cerca de 3 mil famílias de sem-teto desde o começo de 2004. E foi justamente numa dessas visitas que Wagner encontrou a morte.

Na manhã de 16 de fevereiro de 2005, cerca de 1,8 mil policiais militares, muitos com armas letais, entraram no Parque Oeste Industrial para expulsar os ocupantes. A Justiça havia ordenado a devolução do terreno ao dono. Os PMs cumpriram a ordem, mas deixaram 14 feridos e dois mortos, Wagner e Pedro Nascimento da Silva, ambos de 27 anos. Os militares ainda prenderam 800 pessoas por suposta resistência à desocupação. Violência desmedida motivada por vingança, segundo investigação da Polícia Civil e do Ministério Público de Goiás (MPGO). Uma resposta à agressão sofrida por um sargento da corporação um dia antes.

Wagner, no entanto, nada tinha a ver com a confusão do dia anterior. Ele havia ido ao acampamento de carro, em 16 de fevereiro, para tirar de lá parentes, incluindo os pais e duas irmãs. Ao ver os homens do batalhão de choque entrarem, o rapaz correu para fora do terreno e ficou em frente ao galpão de uma empresa. Mas ele e outras pessoas acabaram abordadas por uma equipe da PM. Atendendo determinação dos militares, todos passaram a caminhar em fila indiana.

Mesmo cumprindo a ordem, homens e mulheres começaram a apanhar dos militares. Wagner reclamou, falou que estavam saindo em paz da invasão. Levou um golpe de cassetete e caiu. Foi levantado pela camisa e atingido por um tiro nas costas. O disparo ocorreu por volta das 9h30, mas só às 15h uma equipe da PM o deixou no Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo). Com a bala alojada em seu pescoço e após perder muito sangue, Wagner morreu logo em seguida.

Já Pedro da Silva, no momento em que PMs cercavam Wagner, estava em uma barricada, distribuindo bandeiras brancas a outros ocupantes do Parque Oeste Industrial. Ele tinha um barraco na invasão. Com a entrada da tropa de choque, alguns invasores bateram palmas e passaram a cantar o *Hino Nacional*. No entanto, os PMs os surpreenderam com violência, lançando bombas de efeito moral e atirando. Assustado, Pedro virou-se para correr, mas acabou atingido na região lombar. Morreu no local.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Dalvina não acompanha a investigação da morte do filho: "A gente só tem a perder"

Testemunhas

O episódio sangrento do Parque Oeste Industrial foi acompanhado por dezenas de jornalistas e reconstituído pelo MPGO e pela Polícia Civil, com base em fotografias e filmagens, inclusive feitas do helicóptero de uma emissora de TV, além do depoimento de mais de 200 testemunhas das

agressões dos policiais. Mas a PM e o governo goiano nunca puniram os homens flagrados espancando e executando os invasores. Aliás, alguns até foram promovidos.

De acordo com a ação do Ministério Público, à qual o *Correio* teve acesso na íntegra, no início de fevereiro de 2005, a Polícia Militar começou a execução de um plano para desocupar a área, em cumprimento a ordem judicial. Denominada

Duas das vítimas do grupo de PMs presos pela Polícia Federal em fevereiro deste ano morreram em uma operação montada após um sargento ser ferido. À época, os autores das execuções tiveram apoio do comando da corporação

Operação Inquietação, ela durou seis dias e tinha como objetivo diminuir a resistência dos ocupantes e promover a saída de alguns moradores.

Na ação, além de alguns moradores lesionados, na madrugada de 15 de fevereiro de 2005, foi ferido gravemente um tenente da PM. A cúpula da Secretaria de Segurança Pública e o comando da Polícia Militar goiana decidiram fazer, no dia seguinte, a desocupação da área invadida, com autorização para os praças usarem armas de fogo letais, além dos oficiais.

Do efetivo usado na desocupação, 767 policiais portavam armas de fogo, sendo pistolas 9mm, .40, .380, revólveres calibre .38 e espingardas calibre .12. Assim, por volta das 8h30 de 16 de fevereiro de 2005, cerca de 1,8 mil policiais chegaram na ocupação. Às 9h15 iniciaram a remoção. "A entrada do Grupamento de Choque e do Gate (Grupo de Ações Táticas Especiais) foi violenta, com policiais usando camuflagem no rosto e com a tarjeta identificadora escondida", destaca trecho da ação do MPGO.

Sem negociação

Não houve tentativa de mediação com os invasores, no intuito de uma saída espontânea e pacífica da área. Pelotões entraram na invasão desferindo tiros de balas de borracha e letais, e lançaram bombas de efeito moral contra os invasores, que revidaram com paus, pedras, coquetéis molotov, esferas de metal e fogos de artifício. Mas, diante da superioridade do armamento policial, os sem-teto fugiram, formando um grande tumulto.

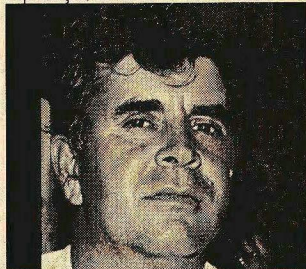
O capitão Alessandri e outros integrantes do 3º Batalhão Tarefa, incluindo o 1º tenente Eduardo Bruno, decidiram fazer uma varredura em uma área fora da invasão e depararam com várias pessoas acucadas em um galpão. Entre elas estava Wagner Moreira, o rapaz morto com um tiro nas costas. Para a Polícia Civil e o MPGO não resta dúvida de que a bala saiu da arma do capitão Alessandri, um dos 19 presos na Operação Sexto Mandamento, realizada pela Polícia Federal há dois meses e meio.

Por medo, os pais de Wagner Moreira nunca procuraram a PM ou a Polícia Civil para saber o andamento das investigações. Contrataram um advogado somente oito meses após a morte do jovem. "Só fui a uma audiência no fórum. Quando vi o PM que matou meu filho, tremi e desmaiei. Nunca mais quis saber daquilo. A gente só tem a perder mais ainda", conta a mãe de Wagner, Dalvina Mendes da Silva França, hoje com 47 anos, que mora de aluguel com as duas filhas na capital goiana. Já os familiares de Pedro da Silva deixaram Goiânia e Goiás após sofrerem ameaças de morte por cobrar da PM uma punição aos militares responsáveis pela morte dele.

Camila Lagares de Lima

✓ Sumiu em 8 de abril de 2009, em Goiânia, após abordagem de policiais da 28ª CIPM.

Reprodução/Carlos Silva/CB/D.A Press



José Eduardo Ferreira

✓ Desapareceu em 10 de maio de 2009, em Formosa. Sua ossada

foi encontrada seis meses depois, em uma cisterna cavada em uma área residencial do município.

Higino Carlos Pereira de Jesus

✓ Retirado de casa e executado com 28 tiros, em Alvorada do Norte, em 24 de fevereiro de 2010. Policiais militares de Formosa foram indiciados pelo crime.

Pedro Nunes da Silva Neto

✓ Dois dias após a morte do primo Higino de Jesus, ele foi sequestrado por oito homens armados, em Alvorada do Norte, e

colocado em uma viatura do Grupo de Patrulhamento Tático (GPT) do Batalhão da PM em Formosa.

Cleiton Rodrigues

✓ O adolescente de 16 anos foi levado com Pedro no camburão do GPT. Ambos nunca mais foram vistos.

Brunno Elvys Lopes e Adriano Souza Matos

✓ Desapareceram em 22 de novembro de 2010, em Goiânia, após abordagem de uma equipe do Batalhão de Choque da PM.

Leia amanhã

As histórias de pessoas marcadas para morrer por denunciar ou investigar as ações do grupo de extermínio goiano.